



CASA - MUSEU  
*Afonso Lopes Vieira*

*onde a terra se acaba e o mar começa*

**A CASA COMO PATRIMÓNIO CULTURAL**  
**a metamorfose do *ninho de artistas*:**

***a criação de um lugar literário* - CRISTINA NOBRE**

**as camadas da Casa de S. Pedro (de Moel)**

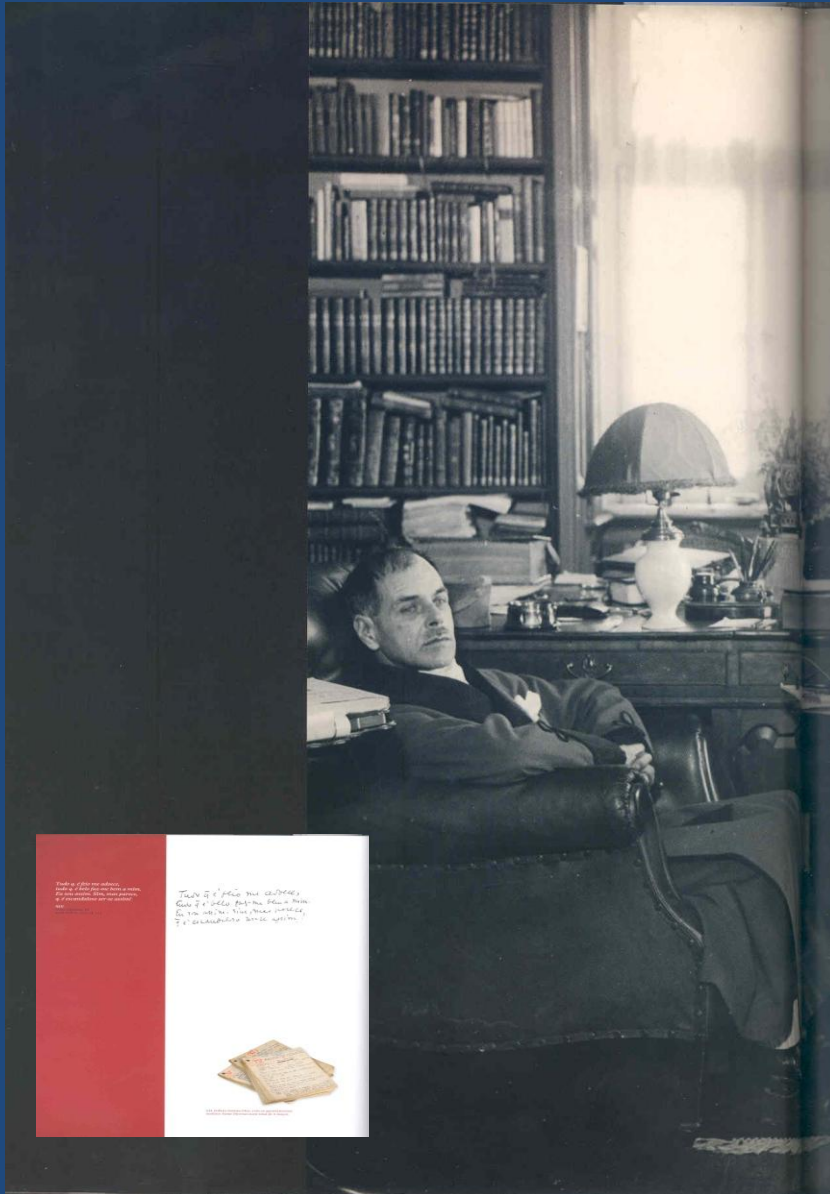
**Tudo q. é feio me adoece,  
tudo q. é belo faz-me bem a mim.  
Eu sou assim. Sim, mas parece,  
q. é escandaloso ser-se assim!**

Afonso Lopes Vieira, *Notas Diversas* (apud Nobre 2005, II: 370)

Leia-se o excerto e atente-se na belíssima imagem da casa metamorfoseada em caderno — com **brancura de papel** — onde apetece ir escrevendo:

[...] S. Pedro ao sol luzindo em suas casas caiadas,  
Casas velhinhas todas com alpenduradas;  
A capela no alto, com vidros de cores  
E dentro ao fundo, olhando, a Senhora das Dores;  
O Zé Lameiro, à tarde, olhando para o mar,  
Emalhando uma rede p'ra lá ir pescar;  
Raparigas queimadas do ar do mar, passando  
Na estrada que lembrava uma cobra ondulando;  
A nossa casa com craveiros nas janelas  
E que frolidas e velhinhas eram elas!  
E tinha ao sol uma brancura de papel,  
Que linda casa para uma lua-de-mel! [...]

(*Para Quê?* 1897: 15-6)



E, como ainda há pessoas que supõem que a minha casa de S. Pedro de Moel foi construída por mim, recordo que ela está há um século na posse da minha família, posse que se alienou apenas durante alguns anos. (NDG 1942: 242)



**Afonso Menino, 10 a 15**

*Infância*

Ofereceram-me, tinha eu cinco annos, uma bandeja com bôlos, para eu escolher. Eu devia tirar um, dois o maximo. Tirei quatro e mordi-os todos, para me assegurar da posse.

ALV  
*Notas Diversas, II*  
apud Nobre, 2005, II: 246

Eu, em criança, contam os meus p[ais], libertava os ratos abrindo-lhes as ratoeiras... E não mudei.

ALV  
*Notas Diversas, IV*  
apud Nobre, 2005, II: 295

Todo o homem de imaginação terá q. ter sido uma criança mentirosa... (quarto de noite, a coisa q. estrangula...)

ALV  
*Notas Diversas, V*  
apud Nobre, 2005, II: 120

10. Afonso cavaleiro, 188s



11. Afonso pensativo



12. Afonso cavaleiro



13. Afonso no carrinho de verga



14. Afonso adolescente

15. Afonso com familiares na Casa das Cortes, sd. I: c.1896(?) G-diz: o pai, à esq. encostada à palmeira, a mãe; sentado, à frente, o tio-avô, Rodrigues Cordeiro)

# Manter vivo o património: a casa que está rezando ao mar...



A linha mestra da recuperação da Casa como espaço museológico, em 2005, foi a devolução, com rigor e fidelidade, a um estado original anterior, isto é, o tempo em que o seu proprietário, Afonso Lopes Vieira (1878-1946), habitava a casa e dispunha a orientação, a dinâmica e o enriquecimento do espaço com a sua sensibilidade de artista e eclético homem de cultura.





55. ALV com companheiro e caveira, provavelmente durante uma encenação de *Hamlet*, de W. Shakespeare, sd. [c. 1899?]

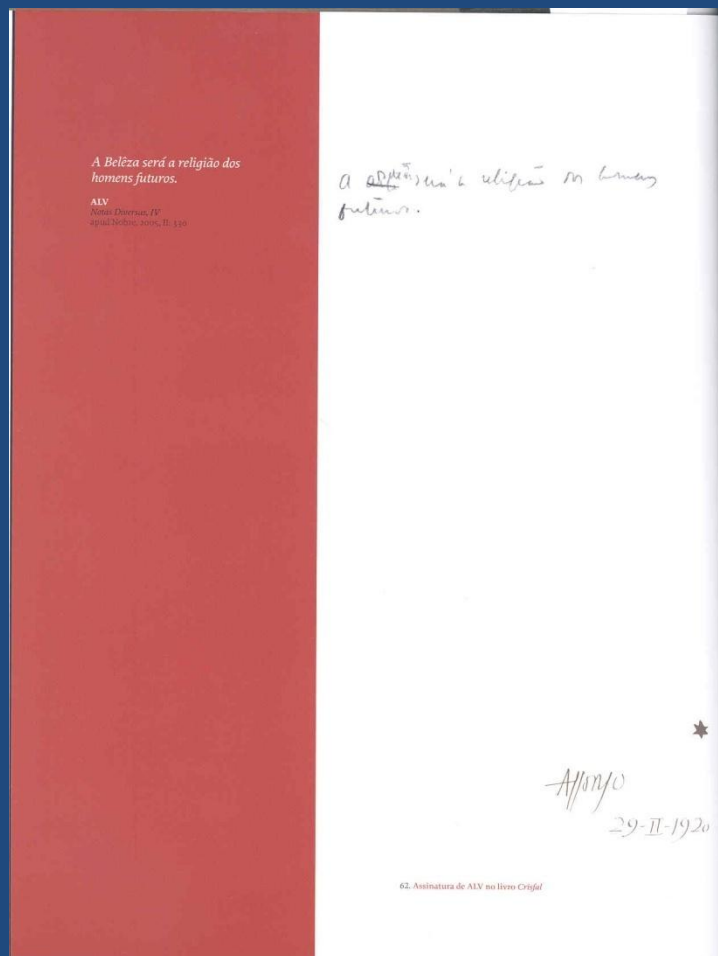
56. ALV com companheiro [Alberto Costa] em traje académico, sd.

57. Quarto de ALV em Colimbra, 1906.

O percurso biográfico e a produção literária, bem como a acção cultural de ALV, encontraram na Casa de S. Pedro o elemento material ideal para incorporar a visão estética e ética do escritor. A Casa será a projecção de um edifício enquanto obra potencial, provavelmente até o espécime bibliográfico mais rico, composto e complexo, feito de estratos diferentes e de camadas sobrepostas.



Enquanto habitou a Casa, o escritor fez dela um verdadeiro estaleiro de experiências estéticas, decidido a transformá-la naquilo que descrevera ao seu amigo, Artur Lobo de Campos, como um *NINHO DE ARTISTAS* (Nobre, 2001: 21).



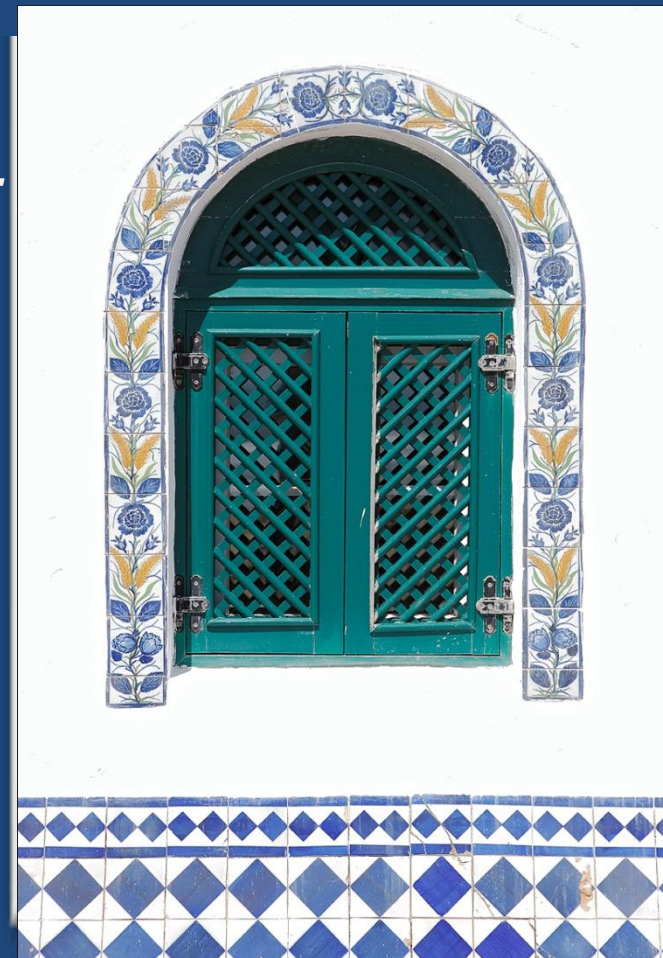
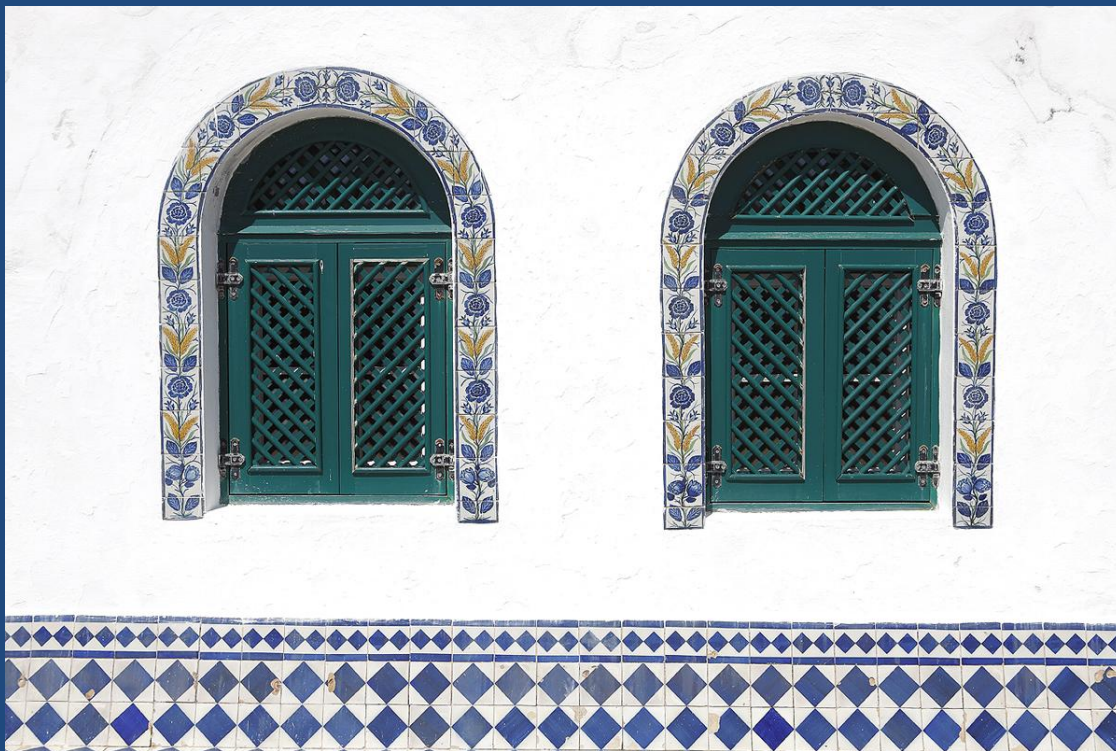
# I ESTRATO - 1902 / 1903?

a fotografia das obras da casa, em que a varanda, tal como a herdámos, está a ser rasgada, ao mesmo tempo que se ergue o paredão frente ao mar.



## II ESTRATO - 1909

### 1.<sup>a</sup> camada – *a febre de renovação.*



Meu caro Artur:

[...] Quanto às ombreiras, decido o seguinte, q. é o melhor: Em vez do desenho dos *cache-pôts*, far-se-á um desenho de *rosas e espigas de trigo*, como o Zé Dias já fez para uma cercadura para um nicho, q. lhe encomendei.

Se pudessem fazer as rosas superiores como desenho, era óptimo.

As rosas em azul, as espigas em amarelo. Fica isto pois assente, não levando as ombreiras filete nem nada dos *cache-pôts*, mas, como lhe digo, as rosas e as espigas, mas só isto, além, é claro, do traço azul à volta da ombreira.

[...]

Carta de 23 de Agosto de 1909 / Nobre, 2001: 23.

ALV, na sua estadia em S. Pedro de Moel, socorreu-se dos préstimos do seu amigo ARTUR LOBO DE CAMPOS (1884-1949), a viver em Lisboa. ALV estava interessado em transformar a casa num *ninho de artistas*, concebendo uma cercadura para as janelas do exterior, com pinturas de *cache-pôts* (14 de Agosto de 1909). Depois (23 de Agosto de 1909) evolui para um desenho com **rosas e espigas de trigo**, numa clara alusão ao seu livro de poesia de 1908 **O Pão e as Rosas** e à fase **franciscanista** da sua obra. Aliás, tanto esse livro como **Rosas Bravas**, de 1911, em edição de autor, assim como as obras para a infância da mesma data, apresentam no frontispício **uma cercadura de rosas e espigas de trigo** semelhante às destes azulejos.

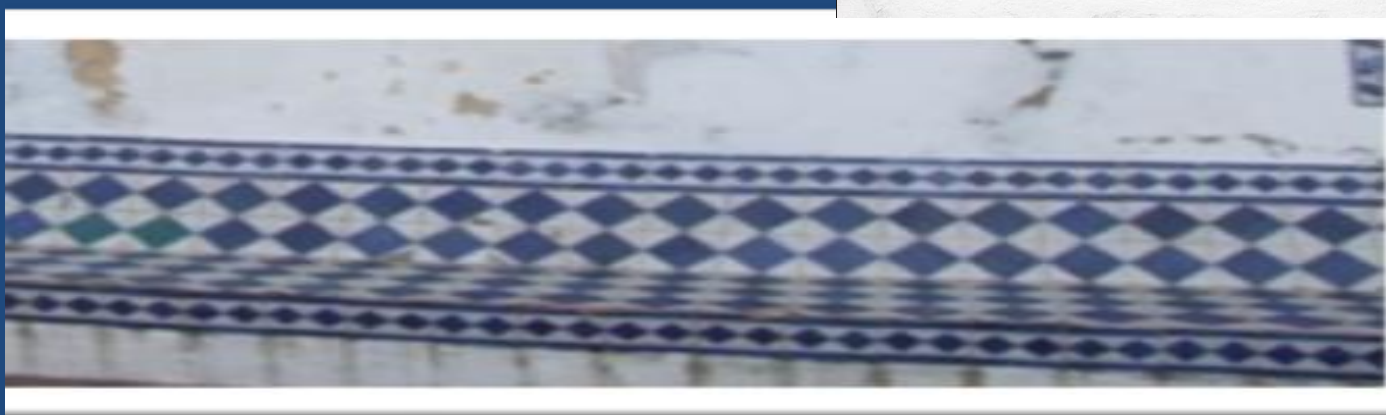
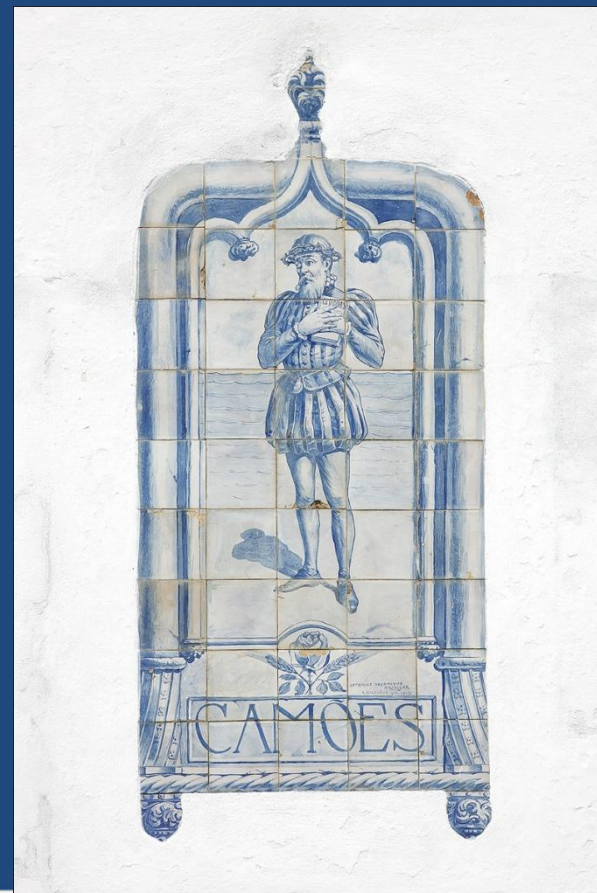
**José Dias** foi o artesão da cercadura, como de outras peças encomendadas por ALV para a Casa.

**Tiago** seria o operário que aplicaria as cercaduras, na alvenaria das janelas.



Não são os louros gregos que coroam  
Camões, da casa o santo protector;  
São os cruéis espinhos que magoam  
quem canta em Portugal com fé e amor!

Excerto do Postal a Augusto Rosa, com carimbo de 5 de Setembro de 1913,  
BMLALV, A104, nº. 32605 in Nobre, 1999: 300.



### III ESTRATO - 1916 – ao *estilo sebastianista*

[...] aqui anda tudo revolvido com as obras de reparação da nau [...] A casa teve de presente este ano um painel de azulejos — a Nau Catrineta, com dois versos de romance — e duas sobrepostas também de azulejo, que enriquecem a varanda, reforçando-lhe o estilo sebastianista. [...]

[...] P. S. Os versos do azulejo da Nau Catrineta são com efeito estes — A minha alma é só de Deus — e o corpo da água do mar. Está numa parede voltada para o mar e fica bem assim. As sobrepostas da varanda tem ao centro a Cruz de Cristo e aos lados as esferas. Ficou engraçado e dá uma bonita nota de cor. [...]

Excertos de Carta a Leonor Rosa, 16 de Junho de 1916, BMLALV, A118, nº. 33601 in Nobre, 1999: 300-1.



## POEMA DE ABERTURA

Numa casa que está rezando ao Mar,  
e tem Camões coroadado  
não de loiro celebrado  
mas de espinhos a sangrar,  
aí vivi, sonhei eu,  
ao som do mar, que tangia:  
os sonhos, ele m`os deu,  
ditava, e eu escrevia.

Com saudades no peito me estremece  
um roussinol... Canto em mim.  
Meu coração gorgéia e ei-lo esmorece,  
roussinol de Bernardim.

Foi por amor de ti, terra formosa,  
por te amar com tão fundo sentimento,  
que fui pregador e em prosa  
fiz meus sermões de Admiração ao vento.

Oh Portugal, florida alpendurada  
sobre o mar, coisa saudosa...  
Esta é a Pátria ditosa  
minha amada, minha amada!

Mas as saudades, sob a Lua gris,  
evolam-se na bruma de violeta,  
entre os pinheiros de el-rei Dom Denis  
e ondas da “Nau Catrineta”.

E fico só com elas, neste vário  
momento em que a dor se esfuma.  
Sou o senhor donatário  
das minhas Ilhas de Bruma.

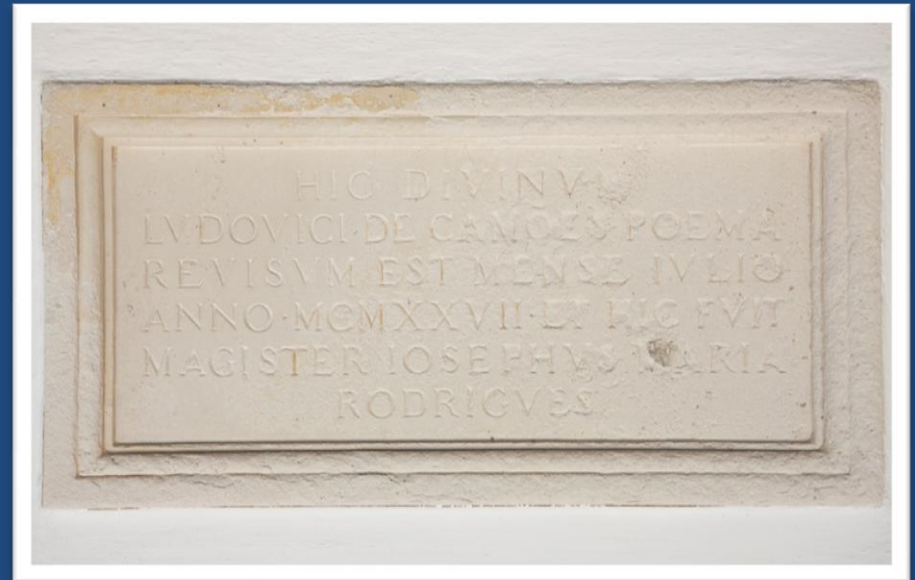
Revivei na minha alma, oh velhos temas,  
penumbras da claridade.  
E misterioso cante nestes poemas  
meu amor português — beijo e saudade... in *Ilhas de Bruma*, 1917: 5-7.



# IV ESTRATO - 1925-27 - uma *nau no estaleiro*, sempre sujeita a novos arranjos, fixando da forma mais definitiva – através da inscrição na pedra – a memória sobre a obra produzida.

Casa Catrineta,  
desprende-te enfim do chão,  
entra-me pelo mar  
e lá ao largo vai naufragar  
para ir ao fundo com o meu coração!  
Oh! não poder arrancar-te do chão!  
E, gageiro, embarcar  
em ti, meter-te ao mar  
para ir naufragar,  
para ir ao fundo com o meu coração!...

(OTAMC 1940: 86)



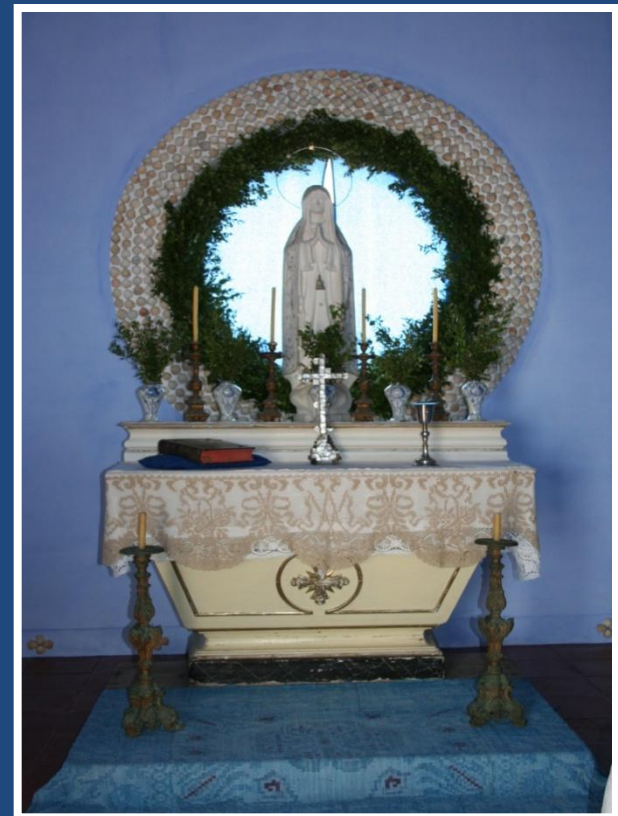
## V ESTRATO - 1929

com ele ergue-se de raiz um novo edifício adjacente à Casa: a Capela dedicada a **N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima**



Planificou uma festa de inauguração que juntou as obrigações religiosas e as artísticas com os amigos e a população local.

O evento ficou registado para a posteridade num documentário filmado que sobreviveu até nós, como um dos primeiros testemunhos da casa como lugar de peregrinações literárias.





## VI ESTRATO - 1935

“[...] P.S. A casa tem agora um verso de Camões incrustado frente ao Mar. Verás como tudo está melhorado.

Adoro isto. A.”

Postal de 8 de Setembro de 1935

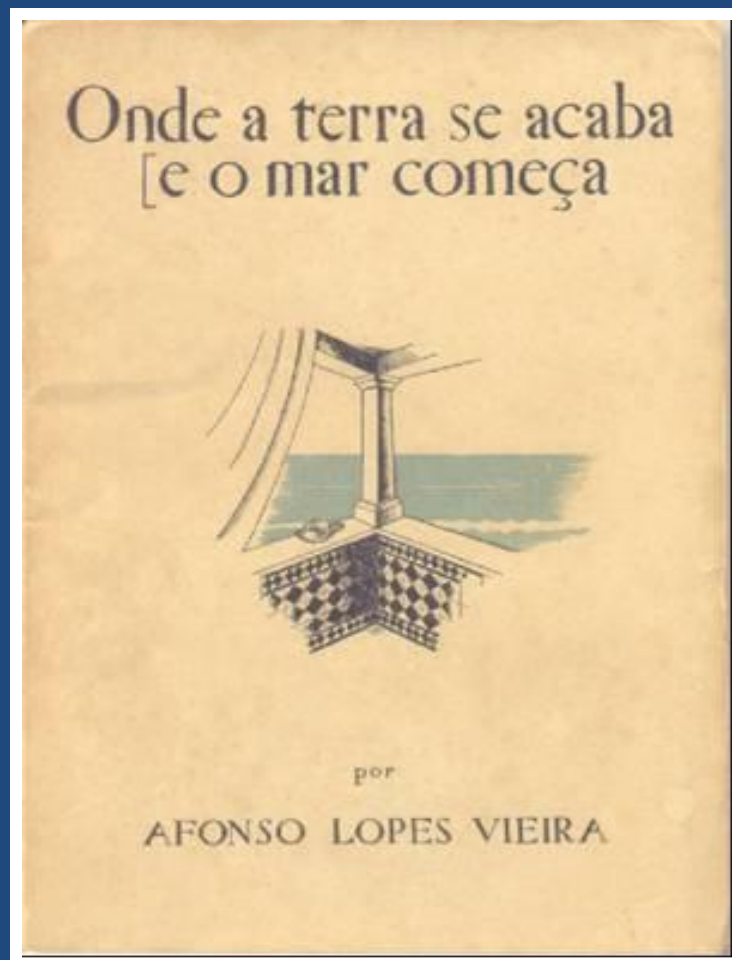
Nobre, 2001: 76

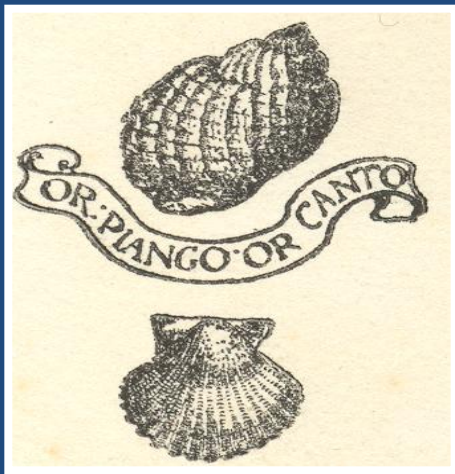
[...]

Onde a terra se acaba e o mar começa  
há uma casa onde amei, sonhei, sofri;  
encheu-se-me de brancas a cabeça  
e, debruçado para o mar, envelheci...

Onde a terra se acaba e o mar começa  
é a bruma, a ilha que o Desejo tem;  
e ouço nos búzios, té que o som esmoreça,  
novas da minha pátria, além, além!...

(OTAMC 1940: 11)





Afonso somus Vieira

